

P r o j e t o

PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO E APROPRIAÇÃO DE CONHECIMENTO PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE E A JUSTIÇA AMBIENTAL

Dezembro 2012

EQUIPE DA PESQUISA

- Fatima Pivetta Coordenação geral do projeto, CESTEH/ENSP
pivettaf@ensp.fiocruz.br
- Lenira Zancan Coordenação, DCS/ENSP
lenazan@ensp.fiocruz.br
- Marcelo Firpo Porto Coordenação, CESTEH/ENSP
marcelo.firpo@ensp.fiocruz.br
- Jairo Dias de Freitas Pesquisador, LABFORM/ EPSJV
jairotek@fiocruz.br
- Marize Cunha Pesquisadora, DENSP/ENSP
marizecunha@ensp.fiocruz.br
- Fabiana Melo Sousa Bolsista LTM/ENSP e PDTSP TEIAS
fabianamelosousa@gmail.com
- Gleide Guimarães Bolsista LTM/ENSP
gleidegalentejo@gmail.com
- Ludmila Cardoso Bolsista LTM/ENSP e PDTSP TEIAS
ludmila.crd@gmail.com
- Consuelo Nascimento Bolsista LTM/ENSP e PDTSP TEIAS
consuelogmn@gmail.com
- Tiago Macedo Soares Bolsista LTM/ENSP e PDTSP TEIAS
ubiliel.soares28@gmail.com
- Sílvia Reis Colaboradora, FAPERJ/LTM
s_breis@yahoo.com.br
- Anastácia dos Santos Bolsista, PEC/LABFORM/EPJSV
anastaciadossantos@gmail.com
- Antonio Carlos O. da Silva Bolsista PIBIC/CNPq, CESTEH/ENSP
thony.oscar@gmail.com
- Ivam Cruz Bolsista PDTSP TEIAS
ivamcruz@gmail.com

I - INTRODUÇÃO

O projeto de pesquisa que o **Laboratório Territorial de Manguinhos (LTM)** desenvolve no PDTSP TEIAS - produção, circulação e apropriação de conhecimento e informação para a Promoção da Saúde e a Justiça Ambiental, é parte do trabalho realizado nos últimos nove anos, pela Comunidade Ampliada de Pesquisa-ação do LTM (CAP/LTM) que reúne moradores de Manguinhos e pesquisadores da FIOCRUZ. Objetivamos com esse projeto contribuir para os processos de formação e fortalecimento das ações de promoção da saúde e da justiça ambiental junto aos atores sociais de Manguinhos, analisando os modos de produção da saúde e da doença neste território.

O LTM iniciou suas atividades em maio de 2002, integrado ao Programa de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável - DLIS Manguinhos e ao Programa FIOCRUZ SAUDÁVEL. Desde então vem se desenvolvendo articulado aos movimentos locais e outros movimentos nacionais e internacionais de promoção da saúde (PS), em particular o da justiça ambiental e dos determinantes sociais. Nosso objetivo maior é colaborar na construção das bases conceituais e metodológicas de uma PS emancipatória que supere os limites de ações descontextualizadas e burocráticas centradas nos estilos de vida saudáveis e no protagonismo de sujeitos institucionalizados que não vivem nos territórios com situações de injustiça ambiental. Uma PS emancipatória prevê a criação de processos relacionais, dialógicos e políticos que possibilitem a emergência de novas práticas democráticas e distributivas em termos dos recursos existentes na sociedade através de ciclos inclusivos e democráticos de produção compartilhada de conhecimentos. Desta forma pretende-se influenciar e redirecionar políticas públicas que simultaneamente reduzam vulnerabilidades sócio-ambientais e ampliem os direitos humanos e a cidadania das populações.

Buscamos, por esse caminho, contribuir para a constituição de uma visão sistêmica do território-bairro de Manguinhos, produzindo conhecimento e informação através linguagens audiovisuais, digitais e artísticas. Linguagens estas que se constituem em documentos históricos e instrumentos pedagógicos de pesquisa-ação, bem como em materiais educativos para o compartilhamento com moradores de Manguinhos, que mediam a compreensão e análise crítica da realidade. O elemento mais desafiador para a nossa proposta é a construção de linguagens e práticas que permitam o diálogo entre o mundo técnico-científico e o espaço popular e cotidiano das pessoas e comunidades, as quais possuem saberes legítimos acerca dos contextos, valores e culturas nas quais a vida e propostas de promoção da saúde deveriam florescer. Trata-se de um desafio não só de natureza ética, mas essencialmente epistemológica e de comunicação, cujo “espaço” de realização privilegiado é o da produção compartilhada de conhecimentos através de uma comunidade ampliada de pesquisa-ação.

Entendemos que o alcance da equidade - princípio fundador do campo da Promoção da Saúde - é possível na medida em que os sujeitos sociais, individuais e coletivos, se constituam como sujeitos autônomos, e a constituição da autonomia deve ser o princípio articulador dos programas e ações de PS. A autonomia a qual nos referimos é aquela, referenciada em Marilena Chauí (2006), que nos diz que nos dias de hoje a “autonomia é luta política”, que tem os sujeitos sociais de enfrentar livremente os obstáculos sociais e políticos, autonomia que “empodere” as pessoas no sentido de sua emancipação social. Consideramos que o conhecimento e a informação são as ferramentas essenciais, imprescindíveis, para a constituição da autonomia e o alcance da emancipação social e da equidade. É nesta perspectiva que o LTM opera uma promoção da saúde emancipatória, em que o conteúdo e a linguagem são elementos centrais para o entendimento dos contextos de produção social da saúde e da doença, que permitem a apreensão e transformação da realidade.

Ao longo dos últimos nove anos desenvolvemos pesquisas e produzimos materiais para reflexão sobre temas relativos à história de formação e memória das comunidades, a identificação e

monitoramento de problemas como as enchentes, assim como o registro dos processos de mudança, em especial os impactos mais imediatos da implementação do PAC nos três últimos anos. Essa produção foi desenvolvida em parcerias institucionais e com atores locais. Internamente, com quatro unidades da FIOCRUZ: (a) Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), através do Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana, do Departamento de Ciências Sociais e do Departamento de Endemias. Contando com estreita cooperação de profissionais do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria; (b) Escola Politécnica Joaquim Venâncio (EPSJV), com a qual implementamos a proposta pedagógica do PROVOC DLIS, programa de vocação científica voltada para o desenvolvimento local de Manguinhos, de base territorial e coletiva para inserção de moradores estudantes de nível médio; (c) Casa de Oswaldo Cruz (COC), envolvendo pesquisadores da área de história oral e memória e do Departamento de Patrimônio histórico e o projeto Tecendo Redes do Museu da Vida; (d) Centro de Informação e Comunicação em Saúde (CICT) através do Departamento de Comunicação em Saúde (DCS) e o Departamento de Informação em Saúde (DIS).

Neste contexto que nos integramos ao TEIAS-Escola Manguinhos, particularmente através do GT de Ensino e Pesquisa, e aos projetos da Rede PDTSP TEIAS.

As parcerias com moradores se realizam em três “espaços”: 1) na CAP/LTM como pesquisadores-bolsistas, como os estudantes do ensino médio do PROVOC DLIS, universitários no Programa de Estágio Curricular e PIBIC/CNPq e bolsistas do próprio LTM, entre outros; 2) as suas organizações coletivas como a Comissão de Moradores da Vila Turismo, equipamentos sociais a exemplo das escolas a Rede CCAP, e; 3) na articulação e realização de nossas atividades de campo pela colaboração individual de muitos moradores, a partir da rede social constituída pelas relações dos pesquisadores-moradores do LTM. Realizamos também atividades com o Canteiro Social do PAC, como o lançamento do livro “Histórias de Pessoas e Lugares: memórias das Comunidades de Manguinhos” e a produção e exposição de banners das 15 comunidades envolvidas no PAC Manguinhos e na semana do meio ambiente em 2010, entre outras. Participamos ainda dos cursos de pré-vestibular e EJA Manguinhos realizando oficinas.

O trabalho realizado no âmbito do PDTSP-SP TEIAS representa, pois, a continuidade dessa trajetória, que vem se consolidando através do apoio financeiro do Ministério da Saúde/SVS/DISAST, da FAPERJ, do CNPq, da FIOCRUZ, da EPSJV e da ENSP.

Os recursos disponibilizados pelo PDTSP, na forma de bolsas de apoio técnico para cinco moradores que integram a CAP/LTM, no período de três meses (julho-setembro 2011), nos possibilitou finalizar a edição dos materiais produzidos até então. Estes materiais sistematizados - documentários, livro, cordel, livro-jogo, slide show, calendário, relato fotográfico e o sítio na internet www.conhecendomanguinhos.fiocruz.br, e as metodologias e teorias que os informam, estão expressos na forma de um caixa de ferramentas “Maleta de Trabalho do LTM: Reconhecendo Manguinhos”.

Em março deste ano intensificamos o processo de difusão e de avaliação da Maleta do LTM, através do projeto financiado pela ENSP “Promoção da Saúde e Justiça Ambiental: estratégias para a produção, circulação e apropriação de conhecimento sobre o território de Manguinhos”, em oficinas de diálogo e apropriação para a produção de novos materiais, ampliando nosso circuito de trocas com moradores e suas organizações coletivas, escolas e outros equipamentos sociais, profissionais de saúde, entre outros.

Pretendemos, assim, contribuir para fortalecer os lugares de interlocução dos atores sociais locais nas diversas arenas de negociação, seja pelo conhecimento, seja por mais um lugar de fala que o LTM pode representar para o de morador.

II - OBJETIVOS

O Laboratório Territorial de Manguinhos se organiza em torno de dois objetivos principais: um, o desenvolvimento de metodologia para a formação de comunidades ampliadas de pesquisa-ação envolvendo pesquisadores, profissionais de saúde e moradores, e; outro a produção de conhecimento e informação através linguagens audiovisuais, digitais e artísticas, apropriadas aos processos de gestão integrada do território e ampliação da cidadania.

O que nos motivou a participar do PDTSP TEIAS foi a percepção do TEIAS-Escola Manguinhos como uma oportunidade de concretizar os compromissos históricos da saúde coletiva e do SUS e integrar uma agenda da promoção e atenção à saúde em prol de uma sociedade socialmente justa, além de incorporar a dimensão da sustentabilidade ambiental, inevitável na agenda contemporânea de todas as sociedades. Em outras palavras, o que incentivou a participação da equipe do LTM foi a possibilidade de trabalharmos um projeto articulado para um território, no caso Manguinhos, teorizado há muito tempo, mas de difícil operacionalização e priorização pelos gestores.

Nossa inserção no Programa foi no âmbito do Eixo Temático “Abordagem Eossistêmica da Saúde”, tendo como objetivo principal contribuir para o desenvolvimento de metodologia de abordagem ecossocial e incorporação da temática da justiça ambiental tendo como horizonte ao desenvolvimento de uma PS emancipatória fundada na prática da produção compartilhada de conhecimentos sobre os problemas de saúde urbana e ambiental do lugar, reconhecendo-os a partir da abordagem dos determinantes sociais da saúde e da justiça ambiental. Uma PS que estabeleça redes colaborativas entre os atores sociais fundadas nos laços de confiança, para o fortalecimento das potencialidades e enfrentamento das vulnerabilidades do território (PORTO & PIVETTA, 2009).

Como este eixo temático não se consolidou reorientamos nossa participação no Programa nos inserindo na Linha Participação Social, visando contribuir para os processos de formação e fortalecimento das ações de promoção da saúde e da justiça ambiental junto aos atores sociais de Manguinhos.

Neste sentido o projeto do LTM no âmbito do PDTSP TEIAS foi orientado para o alcance dos seguintes objetivos específicos:

- a) Estabelecimento de uma rede com as escolas locais, bibliotecas, centros de cultura e educação, ou seja, com unidades produtoras da saúde, para produção e validação de materiais político-pedagógicos sobre temas de saúde e ambiente, tendo como um dos recursos a caixa de ferramentas do LTM “Maleta de Trabalho: Reconhecendo Manguinhos”;
- b) Elaborar, junto com os parceiros e experiências acumuladas, uma ferramenta de publicização e comunicação para a gestão do conhecimento no território de Manguinhos, tendo como experiência o sítio do LTM;
- c) Formação de moradores e profissionais de saúde tendo a história e memória do território como método de produção de conhecimento sobre o lugar, incluindo os recursos e metodologias de produção de vídeos, relatórios fotográficos, jogos interativos, livros e folders.

III - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A proposta do LTM visa contribuir para a constituição uma **promoção da saúde emancipatória baseada na produção compartilhada de conhecimento** e consiste em:

“construir uma promoção da saúde que integre ciência e cidadania, invista na formação de sujeitos coletivos e redes sociais, resgate a memória coletiva das comunidades, sistematize conhecimentos sobre o lugar e acompanhe, de forma crítica e propositiva, políticas públicas relevantes para a população de Manguinhos, construindo assim um modelo solidário de conhecer e interagir nos territórios em que vivemos.”

Para construir esta PS estabelecemos diálogos com leituras que questionam de forma articulada as “crises” social, socioambiental, de produção do conhecimento, do papel da ciência e suas instituições. Assim buscamos inspiração em autores, por vezes com tradições bem diferentes, mas que aprofundam esta articulação a partir de conceitos como complexidade, incertezas, confiança, (as)simetrias, (in)justiças, vulnerabilidade, emancipação, produção compartilhada de conhecimento e tradução. Para nós a pesquisa é sempre entendida em suas dimensões de produção de conhecimento, de relações sociais e interpessoais e de ação para a transformação da realidade. E tais conceitos têm contribuído na construção das trilhas metodológicas que possibilitam diálogos e produções compartilhadas entre pesquisadores e moradores do lugar. Apresentamos aqui um resumo do que discutimos com mais aprofundamento em outros artigos, particularmente no capítulo de um livro que está em fase final para publicação pela UNICAMP “Produção de Conhecimento e Cidadania: a experiência da comunidade ampliada de pesquisa-ação do laboratório Territorial de Manguinhos, RJ” de autoria da equipe do LTM (PORTO ET AL).

Para o LTM, a *pesquisa-ação* está colocada como método de aproximação e viabilidade para a proposta de uma *produção compartilhada de conhecimento*, conceito central e caminho metodológico do LTM. Propomos construir uma produção de conhecimentos que seja (PORTO E PIVETTA, 2009):

(i) **compartilhada** entre pesquisadores e moradores: pesquisadores que, ao se aproximarem de corpo e alma dos moradores e seu território, seus contextos e necessidades, transformam-se e questionam seus próprios papéis na produção de conhecimento; e moradores, que também se tornam pesquisadores das suas próprias vidas em sociedade e do território que habitam, buscando dialogar com as linguagens e formas de conhecimento produzidas pela academia e diferentes instituições;

(ii) **compromissada ou engajada** por parte de todos na busca de transformar solidariamente a realidade, em particular por parte dos pesquisadores das instituições que muitas vezes se colocam como “externos” e distantes das necessidades e desafios de transformação, numa perspectiva de ciência cidadã (IRWIN, 1998) ou militante (MARTINEZ-ALIER ET AL., 2010);

(iii) **contextualizada**, ou seja, operada a partir de dados da realidade e das dinâmicas vivenciadas pelos moradores e comunidades em suas relações cotidianas nos territórios que habitam, mas também de dados objetivos (socioeconômicos, ambientais, sanitários, dentre outros) que buscam caracterizar este território;

(iv) **reflexiva, sensível e transformadora**, assumindo que as diferenças, os estranhamentos e a capacidade de se indignar frente a uma realidade, por vezes tão bruta, sirvam como matéria-prima para que pesquisadores e moradores se autoconheçam, se transformem e compartilhem possibilidades de ações conjuntas num trabalho coletivo em busca de uma *ciência sensível* (PORTO, 2007).

A noção de construção compartilhada de conhecimento, que estrutura as atividades de pesquisa-ação do LTM, é tomada de Marteleto & Valla (2003: 14-16) como sendo “*um conceito e, ao mesmo tempo, um caminho metodológico nascido da busca por um novo paradigma teórico-*

epistemológico para se compreender e se efetivar a relação entre acadêmicos, intelectuais, técnicos e representantes do poder público com a população...não resultará em amálgama, mas em composições contraditórias e provisórias entre o conhecimento teórico, histórico, técnico e o conhecimento popular ... Produzindo um terceiro conhecimento “um conhecimento que não é sinônimo de ciência, mas sim fruto de diversos modos de produção do saber.”. Configura-se, portanto, como um trabalho de tradução, que permite criar inteligibilidade entre diferentes linguagens e situações, possibilitando aos diferentes grupos sociais interferir e transformar solidariamente uma realidade desfavorável (SANTOS 2006).

A noção de pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986) vem sendo tomada no trabalho do LTM como denominação daquilo que, dentro das ciências sociais, se colocava enquanto proposta metodológica que mais se aproximava de nossa intenção. Ou seja, um tipo de pesquisa social com base empírica concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de problemas, na qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Cadernos LTM, 2008). Por outro lado, a trajetória de alguns pesquisadores do LTM no campo da saúde ambiental, em especial o campo de ação denominado de justiça ambiental (PORTO, 2007), também influenciou na incorporação de práticas transformadoras de produção de conhecimento que envolvem um grande protagonismo do saber local, popular, situado ou “leigo” das populações envolvidas em situações de conflito e vulnerabilidade socioambiental. A ideia de conhecimento local para Corburn (2005) tem como contraponto a noção de conhecimento profissional (por exemplo, especializado, acadêmico, industrial), que tende a descontextualizar e “congelar” a compreensão de como as populações vivem os problemas ambientais e de saúde em seu cotidiano. Incorpora inúmeros elementos importantes, como as noções de identidade (social) e lugar; evidências oriundas de tradições, intuição, imagem, história oral e narrativas que trazem a tona valores e vivências; é constantemente renegociado, sobretudo quando novas circunstâncias, experiências e riscos emergem num lugar; e possui o potencial de confrontar, embora não necessariamente de forma antagônica, a ciência, a *expertise* e as práticas institucionais convencionais. Além disso, a possível integração entre conhecimento local e outras formas de conhecimento potencializam o desenvolvimento de práticas mais democráticas e de justiça distributiva por reduzirem assimetrias de poder e acesso a recursos que conformam contextos de vulnerabilidade socioambiental (PORTO E PIVETTA, 2009). Ligadas aos movimentos por justiça ambiental encontram-se propostas metodológicas que caminham nessa mesma direção, como a *epidemiologia popular* (BROWN, 1992) e a denominada *community based participatory research* (LEUNG, YEN E MINKLER, 2003; MINKLER E WALLERSTEIN, 2003).

Outra questão importante para nosso trabalho foi como compreender e incorporar o conceito de complexidade acerca dos problemas socioambientais (WALTNER-TOEWS, 2001; FUNTOWICZ E RAVETZ, 1992 e 1997) e sanitários (CASTELLANOS, 1997) dentro de uma perspectiva que evitasse abismos paralisantes entre discursos científicos e saberes populares e impossibilitasse produções compartilhadas. A perspectiva da complexidade na compreensão dos problemas socioambientais em um território como Manguinhos também nos inspirou na ideia de construir uma comunidade ampliada de pares, tal como sugerido por Funtowicz e Ravetz (1997), como estratégia de enfrentamento de problemas complexos e urgentes que envolvem grandes incertezas e valores em jogo.

A proposta de Comunidade Ampliada de Pesquisa tem sido adotada como metodologia participativa por trabalhos no campo da saúde que propõem mecanismos de cogestão entre técnicos e trabalhadores do SUS, pesquisadores, usuários e organizações no estabelecimento de várias atividades de interesse para a saúde (MORI, SILVA e BECK, 2009). Também no campo da saúde dos

trabalhadores artigos publicados no campo da ergologia tem adotado este conceito como um espaço de confrontação-cooperação entre saberes científicos e práticos (BRITO E ATHAYDE, 2003; SILVA ET AL., 2009). Contudo, no LTM esta proposta assume um contorno vinculado às nossas origens no campo ambiental, nas discussões sobre complexidade e incertezas (FUNTOWICZ E RAVETZ, 1997), nas propostas de análises integradas e conexão entre saberes técnicos, situados e populares (Porto, 2007).

A isso acoplamos a metáfora do laboratório como um espaço com múltiplas vozes em diálogo para uma produção compartilhada de conhecimentos que acolhesse a todos abertos ao diálogo, sejam eles moradores, pesquisadores, técnicos e gestores, resgatando o espaço da ciência enquanto espaço público que dialoga e incorpora solidariamente as necessidades das pessoas e da sociedade na forma de analisar e intervir na realidade (PORTO ET AL).

Um aspecto importante da complexidade é trabalhado por Luhman (1996) ao discutir tal conceito em conjunto com o de confiança. A discussão da complexidade nos apresenta um mundo sistêmico multidimensional, com escalas temporais e espaciais distintas, repleto de imprevisibilidades e incertezas. Luhman responde ao desafio de aproximar complexidade e confiança – que, de certa maneira, é também o desafio do conhecimento - afirmando que, dialeticamente, uma crescente complexidade do mundo necessita ser enfrentada por novos mecanismos para sua redução. Em condições de maior complexidade social, o homem pode e deve desenvolver formas mais efetivas para reduzir a complexidade em busca de soluções para seus problemas mais importantes. E isso deve ser traduzido por esforços relacionais de compreensão e intervenção no mundo que favoreçam a confiança enquanto relação social entre os sujeitos envolvidos, através de processos dialógicos que permitam a convergência entre alteridade e solidariedade nos espaços de convivência e construção compartilhada (PORTO ET AL).

Buscar caminhos para a produção de uma ciência cidadã significa superar os vários problemas relacionados às formas hegemônicas e ao lugar da ciência nas sociedades modernas, dentre os quais a ideologia da competência como identifica Marilena Chauí (2006) que fundamenta a divisão social do trabalho das sociedades capitalistas fundada no uso privado do saber e na ideologia da competência, e que divide a sociedade entre os competentes que mandam, e os incompetentes que obedecem e executam. Na abordagem de Boaventura Santos (2001 e 2002) esta ideologia se manifesta como produção das “lógicas das monoculturas” (do *saber*, do *tempo linear*, a *classificação social*, a *lógica da escala dominante*, a *lógica da monocultura produtivista*), para a qual, para superação dessas totalidades homogêneas e excludentes, contrapõe cinco ecologias: a dos saberes, das temporalidades, dos reconhecimentos, das trans-escalas e da produtividade. Superar tais obstáculos na prática cotidiana de uma produção compartilhada significa entender a elaboração do saber como coisa pública e como direito dos cidadãos, sendo uma das bases de uma sociedade livre e democrática. Para isso, é necessário repensar o sentido de qualidade do conhecimento a partir da confrontação de noções como eficiência, competência, progresso e desenvolvimento, de um lado. De outro é saber como lidar e confrontar a lógica das monoculturas no cotidiano do espaço acadêmico e das práticas da pesquisa. A (re)invenção de uma ecologia dos saberes nos estimula a reconhecer e legitimar o diálogo com o saber comunitário e popular dos moradores através de produções compartilhadas que também ressignificam critérios de qualidade de conhecimento (PORTO ET AL).

Outra noção importante com relação aos processos de produção compartilhada do conhecimento se refere às assimetrias entre os participantes do diálogo. A assimetria é aqui entendida não somente em seu sentido cultural e de diferentes *epistemes* em jogo, mas enquanto acesso diferenciado aos recursos fundamentais para o debate, que inclui tanto formação quanto a informação necessária para o entendimento e a intervenção. Portanto, as assimetrias tendem a se

radicalizar em sociedades desiguais cujo acesso a certas informações e formações é privilégio de certas elites ou grupos sociais. Aqui a questão da simetria nos ajuda a pensar nas estratégias e condições para o diálogo entre diferentes sujeitos. Esta questão é trabalhada por autores das ciências sociais como Bruno Latour e Steve Woolgar (1997), em sua discussão da ciência como construção social, e Pierre Bourdieu (1996), este em busca de superar a tensão entre estrutura e ação através de uma teoria da prática que considere a relação dialética da interioridade e da exterioridade em seus dois movimentos: da interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade (PORTO ET AL).

Existe uma assimetria *a priori*, que é dada pela própria natureza da constituição dos grupos que estabelecem um processo participativo. São usualmente nucleadas em torno das questões que envolvem populações de territórios vulneráveis, pessoas excluídas dos centros de poder hegemônicas e perversamente incluídas no sistema social em suas periferias. Isto nos remete as questões que Paulo Freire (2001) expõe acerca das contradições nas relações opressor/oprimido e à teoria da ação dialógica. Freire é, para o LTM, um importante pensador do qual sistematicamente nos nutrimos para pensar as condições, contradições e possibilidades dos processos participativos legítimos envolvendo grupos tão diferenciados social e economicamente. E nos inspira também na reflexão que alimenta nosso horizonte ético do processo de produção de conhecimento e de constituição de práticas sociais em educação e saúde, enquanto processos de produção de autonomia de todos os sujeitos envolvidos, e inseridos em diferentes lugares sociais e institucionais.

Ainda sobre a questão da (as)simetria na análise dos processos participativos, a noção de capital para Bourdieu (1996) nos ajuda a entender o papel de cada pessoa ou grupo em suas interações. Para ele, de forma sumária, capital significa o acúmulo de forças ou riquezas que definem a posição de uma pessoa em certo grupo. Este capital pode ser econômico (enquanto recursos disponíveis), social (rede de relações sociais), cultural (relação privilegiada com a cultura erudita e a cultura escolar) e o simbólico (conjunto de signos e símbolos que permitem situar os agentes no espaço social, apoiado tanto apoiado no conhecimento e o reconhecimento). Reconhecer tais características num grupo permite-nos compreender que um diálogo legítimo implica em superar assimetrias radicais que inviabilizem formas de comunicação efetivas a respeito do que se encontra em jogo na definição, diagnóstico, priorização e solução de problemas.

Dizemos, portanto que o trabalho realizado no LTM busca, pelo compartilhamento de saberes e práticas, colaborar para a constituição de cidadãos autônomos e emancipados, compreendendo a mediação entre os conhecimentos científicos e o saber popular, como “... a possibilidade de a população lançar seus mundos no nosso mundo. Lançar mundos cotidianos, coloridos, imprevisíveis, sonoros, polifônicos, no mundo monocórdio, preto e branco, previsível, repetitivo, restritivo das organizações que fazem e implantam políticas públicas em saúde...” (BRANDÃO ET AL, 2002:1)

O propósito central é constituir “ciclos comunicativos” de produção – circulação e apropriação do conhecimento e da informação, que contribuam para a construção de sentidos sociais a partir de questões e problemas concretos que se expressam sobre um dado território, lugar, acontecimento, e na vida das pessoas (ARAÚJO, 2002 e 2006).

O projeto ético que nos inspira é a construção de uma nova forma de produzir sentidos, conhecimentos e argumentações na sociedade de forma a combater a exclusão e promover a saúde e a democracia. Exclusão, aqui, é entendida como impossibilidade de fazer circular seus próprios sentidos. A mobilização visa criar processos em que os vários sentidos circulantes possam conviver e se confrontar de forma mais equivalente, propiciando dinâmicas de transformação que atendam às

necessidades e potencialidades de satisfação das pessoas, comunidades e da sociedade como um todo (BRANDÃO ET AL., 2002).

Um desafio central é o de natureza metodológica, mas também epistemológica e ética: a construção compartilhada de conhecimentos por uma comunidade ampliada de pesquisa-ação se faz, nas palavras de uma pesquisadora, num “caminho de pedras”, em que a autonomia do pesquisador passa pela autonomia do morador-pesquisador e vice-versa. Metodologia, estratégia e tática se mesclam e se confundem o tempo todo, já que inclusive os ritmos e tempos não são os mesmos entre pesquisadores e moradores e suas realidades (Cadernos LTM, 2008).

A matéria-prima para este “caminhar nas pedras”, seguindo a tendência atual de uma ciência crítica que reconhece a complexidade e os avanços do pensamento sistêmico, tem por base o debruçar sobre situações e problemas. Essas “situações-problema” buscam ser compreendidas dentro das dinâmicas dos territórios vivenciadas pelas populações, em diálogo (e confronto) com informações e análises por instituições e conhecimentos científicos levantados no processo de pesquisa. Ao fornecer focos e condições objetivas, tais situações ou problemas permitem o aflorar de perspectivas, de relações e compromissos entre as pessoas (pesquisadores engajados e pesquisadores-moradores) e os vários sujeitos do território na produção de “agendas de trabalho”, revistas periodicamente de acordo com a evolução do grupo e das dinâmicas dos territórios.

Pleiteamos uma formulação de políticas públicas que não seja só informada pela ciência, mas também pelos saberes e valores dos habitantes do lugar, pelos valores éticos da sustentabilidade, de formas de desenvolvimento que recusem riscos e injustiças intoleráveis, e em conjunto tais critérios e práticas permitam estabelecer uma ética das prioridades e da ação prática. Os problemas socioambientais e de saúde no território exigem não apenas o ‘saber o que’, dentro dos paradigmas técnicos científicos, mas incluem o ‘saber como’, juntamente com amplas e complexas questões de ambiente, sociais e éticas. Por isso se faz necessário para a garantia da qualidade de políticas públicas, programas e projetos, ampliar a contribuição tanto de outros cientistas e especialistas como de representantes de interesses sociais (FUNTOWICZ & RAVETZ, 1992). Esta é a justificativa fundamental para a criação de comunidades ampliadas na produção de conhecimentos e práticas, enfim do trabalho do LTM na sua completude.

Entendemos a produção compartilhada de conhecimentos e informação sobre as vulnerabilidades sócio-ambientais dos territórios onde vivemos ou trabalhamos, no nosso caso Manguinhos, por comunidades ampliadas de pesquisa-ação, como dinâmica mediadora e mobilizadora para a gestão participativa, ou como dizia Arouca e David Capistrano como “dispositivos de produção de pensamento crítico”.

IV - RELACIONAMENTO COM AS DEMAIS PESQUISAS DA REDE PDTSP-TEIAS

De todas as potenciais interações identificadas no início do Programa, as que efetivamente se concretizaram foram àquelas parcerias que já vínhamos operando ao longo da existência do LTM na produção de conhecimento e interlocução teórico-metodológica sobre promoção da saúde, participação, intersectorialidade, abordagem ecossistêmica e justiça ambiental, que apresentamos a seguir:

- História das Comunidades de Manguinhos -Tania Fernandes/COC: parceira desde o início de operação do LTM, como colaboradora e coordenadora dos trabalhos no campo da história e memória de Manguinhos, e que resultou na produção de um livro, do documentário e do cordel, bem como a página Histórias de Pessoas e Lugares do sítio. Em continuidade, no

âmbito do PDTSP TEIAS, organizamos um grupo de estudos sobre História e Memória e continuamos as atividades de interlocução tendo o tema da moradia como interesse comum;

- Educação e popularização da ciência - integrando o Museu da Vida e escolas da 3ª e 4ª CRE. Maria das Mercês N. Vasconcellos e Maria Paula Bonatto COC Museu da Vida Serviço de Educação em Ciência e Saúde [SEDUCS]: nossa interlocução no âmbito do PDTSP se dava nos encontros do Eixo Abordagem Ecológica de Saúde. Atualmente acontece no âmbito do GT Participação Social;
- Avaliação de Ações Intersetoriais em Saúde - Rosana Magalhães/ENSP: nossa interlocução iniciada com o PDTSP Cidades Saudáveis vem se dando atualmente no âmbito do GT de Avaliação da Efetividade em Promoção da Saúde da Câmara Técnica de PS da FIOCRUZ;
- Inovações dos processos de trabalho das Equipes de Saúde da Família do TEIAS – Escola Manguinhos – Mirna Teixeira/ENSP: nossa parceria se fortaleceu nos trabalhos do GT de Pesquisa e Ensino do TEIAS Escola e vem se dando atualmente no âmbito do GT de Avaliação da Efetividade em Promoção da Saúde da Câmara Técnica de PS da FIOCRUZ;
- Redes de apoio social no cotidiano de trabalho da equipe de Saúde da Família e dos Agentes de Vigilância em Saúde – Alda Lacerda/EPJSV: nossa parceria se iniciou nos trabalhos do Eixo Abordagem Ecológica de Saúde e se fortaleceu no GT de Pesquisa e Ensino do TEIAS-Escola e vem se dando atualmente no âmbito do GT de Avaliação da Efetividade em Promoção da Saúde da Câmara Técnica de PS da FIOCRUZ;
- Territorialização em Saúde e Educação -Grácia Gondim/ EPJSV:nossa parceria se iniciou nos trabalhos da Linha Abordagem Ecológica de Saúde – PTSP TEIAS, enquanto existiu, e se fortaleceu no GT de Pesquisa e Ensino do TEIAS Escola;
- Curso para Qualificação em Gestão Participativa no SUS - Valéria Cristina Gomes de Castro/EPJSV: participamos das discussões iniciais do curso e atualmente nossa interlocução se dá no âmbito do GT Participação Social do PDTSP TEIAS.

V - ESTRUTURA METODOLÓGICA OU PROCESSOS METODOLÓGICOS

O caminho metodológico que o LTM vem trilhando é orientado por três concepções centrais - o ciclo da comunicação, a produção compartilhada do conhecimento e a noção de tradução, que estruturam as práticas do LTM, desenvolvidas em quatro dimensões: (a) construção de conhecimento contextualizado e compartilhado; (b) desenvolvimento de materiais educativos sobre diversos temas e em diferentes linguagens e formatos, e; (c) ação em redes com movimentos, instituições e entidades locais, nacionais e internacionais.

O ciclo de comunicação do LTM compreende a produção - circulação - apropriação do conhecimento e da informação [ARAÚJO, 2006]. A produção se inscreve no domínio das disciplinas e técnicas para a geração de dados, conhecimento e informação no âmbito das instituições, que usualmente não dispõem de instrumentos e métodos para ouvir outras vozes que não aquelas dos seus profissionais especialistas. No LTM é operada pela CAP e seus parceiros.

A circulação se dá no domínio das mídias e tecnologias de comunicação e informação. É ela que *“confere existência aos produtos simbólicos, que os tira do âmbito privado e os torna de fato público”* [ARAÚJO & CARDOSO, 2007:75]. Neste âmbito estão os materiais e meios, tais como um sítio na internet, documentários, jogos interativos, impressos, relatórios, artigos científicos, dentre outros. A apropriação, por fim, fecha o ciclo da comunicação. Ela é o *“lugar que define se a*

comunicação se realiza ou não e que sentidos finalmente dela resultarão” (ARAÚJO & CARDOSO, 2007:75). Apropriação para o LTM é a construção de novos sentidos sociais para ação através de processos de produção compartilhada de conhecimento objetivando a autonomia e a emancipação das pessoas. É do domínio do direito e da cidadania, e do âmbito da educação e dos princípios pedagógicos que norteiam os fluxos, formas e canais de comunicação que são estabelecidos.

Como nos referimos anteriormente a noção de construção compartilhada de conhecimento é um conceito e um caminho metodológico que estrutura as atividades do LTM. Produzir de forma compartilhada conhecimento e informação sobre Manguinhos significa tomar este território como objeto de aprendizagem, não apenas dos pesquisadores, mas também dos moradores que nele vivem. É fazer do território o laboratório de todos para a transformação pela ação coletiva, resgatando o espaço da ciência enquanto espaço público que dialogue e incorpore solidariamente as necessidades das pessoas e da sociedade na forma de analisar e intervir na realidade.

A noção de tradução referencia as práticas da constituição do LTM, e resulta do processo de construção do entendimento de problemas de um território na sua complexidade por todos os atores sociais implicados. Na prática, o trabalho da CAP LTM, de produção de conhecimento e informação, é fundamentalmente um trabalho de tradução. O que propomos traduzir inclui, dentre outros, temas como a complexidade, riscos, determinantes sociais e justiça ambiental para o interior do setor saúde e do entendimento dos problemas do lugar; a compreensão histórica de Manguinhos ser um território de “exclusão socioespacial”; as demandas sociais para o interior das políticas públicas; o arsenal científico para o processo de aprendizagem dos adolescentes, jovens e demais moradores que atuam no projeto, contrapondo discursos científicos com outros saberes; a dialética entre os movimentos da instituição para a comunidade e desta de volta para a instituição (PORTO ET AL).

A operacionalização da construção compartilhada de conhecimento e informação se dá pela constituição de uma comunidade ampliada de pesquisa (CAP), na qual pesquisadores da comunidade científica da Fiocruz juntam-se aos moradores de Manguinhos, inseridos no projeto também como pesquisadores (enquanto bolsistas de pesquisa), eventualmente ampliada por outros moradores, pesquisadores e profissionais, com o objetivo de discutir temas, problemas e soluções para o território (FUNTOWICZ & RAVETZ, 1992 e 1994). Buscamos pensar Manguinhos como um lugar que pode ser transformado levando em conta as potencialidades nele existentes: os conhecimentos oriundos das vivências, memórias, manifestações culturais, movimentos coletivos organizados nos diversos grupos locais (ONGs, Igrejas, Associações de Moradores), além das ações institucionais e políticas públicas que atuam no território (PORTO ET AL).

A CAP tem como objetivo ampliar e integrar o conhecimento e a informação sobre questões e problemas relacionados ao território, sejam temas sobre saúde e ambiente ou políticas públicas. A ideia de reunir, confrontar e estabelecer diálogos entre distintos saberes e perspectivas, no caso pesquisadores da Fiocruz e moradores-pesquisadores do lugar, pretende fornecer maior qualidade, contextualização e transparência tanto à produção de conhecimento quanto aos possíveis processos de compreensão e engajamento, principalmente dos moradores, mas também técnicos e instituições responsáveis pela implementação de políticas públicas. Isso implica em criar as condições para um processo de tradução entre saberes capaz de criar inteligibilidade e confiança entre diferentes linguagens e perspectivas, possibilitando ampliar aos diferentes grupos sociais sua capacidade de interferir e transformar solidariamente uma dada realidade desfavorável (PORTO ET AL).

a) A Comunidade Ampliada de Pesquisa-Ação do LTM

Constituímos a CAP-LTM com pesquisadores, moradores e parceiros de outras instituições e entidades para além da FIOCRUZ e de Manguinhos, na perspectiva de desenvolver ações que integradas concorram para um melhor conhecimento, explicação e compreensão deste território e em suas relações com os demais espaços da cidade. Na figura 1 mostramos esquematicamente a CAP.

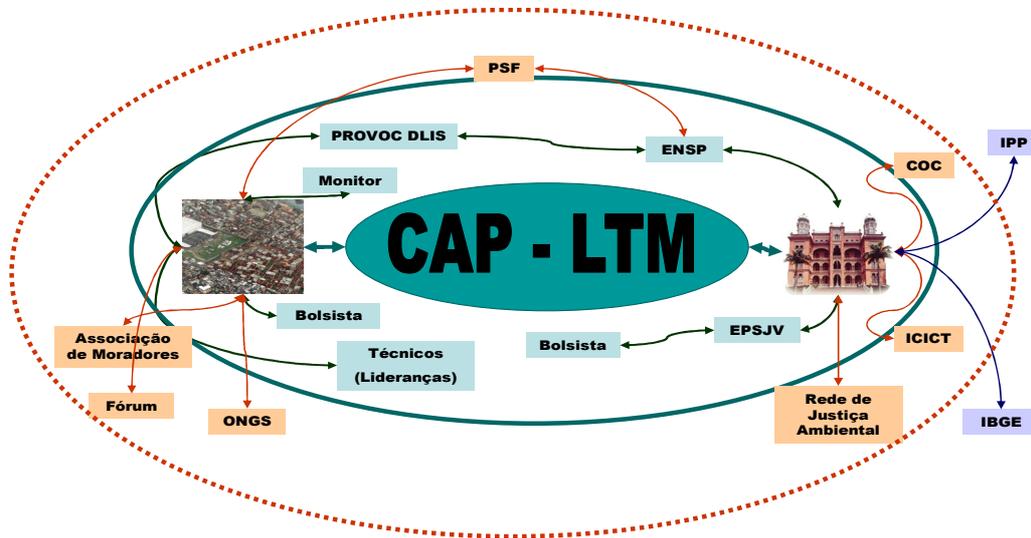


Figura 1 – Apresentação esquemática da CAP - LTM

A CAP é constituída por um núcleo fixo de pesquisadores da FIOCRUZ e moradores (delimitada pela linha azul), que opera o cotidiano dos trabalhos. Atualmente, está constituída de cinco pesquisadores quatro da ENSP - CESTEHE (02), DCS (01) e DENSP (01) e da EPSJV (01), três moradoras-bolsistas e duas alunas do PROVOC DLIS, moradoras da Maré.

Os moradores e suas inserções na CAP

Distinguimos duas formas de inserção dos moradores na CAP: 1) os que participam da construção cotidiana do LTM, mantendo laços fortes ou intensivos com todo o grupo. São os moradores com bolsas de estudos mais prolongadas, adolescentes e jovens - os estudantes de ensino médio que participam do Programa de Vocação Científica – PROVOC, da EPSJV, e os bolsistas de iniciação científica e de estágio curricular; 2) os moradores que mantêm laços extensivos, que fazem conexões com outros moradores, grupos e movimentos sociais, que ampliam os circuitos de troca dos pesquisadores com a comunidade, como os participantes de ONGs, lideranças religiosas, membros de associação de moradores, moradores individuais, entre outros.

Os pesquisadores e suas inserções na CAP

Da mesma forma que os moradores, os pesquisadores que mantêm laços fortes ou intensivos são aqueles que nucleiam a CAP, e são membros permanentes do LTM. Trazem a contribuição das diferentes áreas de conhecimento, e assumem como tarefa o desenvolvimento teórico-metodológico dos temas em suas áreas específicas, orientam os bolsistas e fazem conexões com grupos de pesquisa e movimentos sociais, também ampliando os circuitos de troca institucionais e sociais.

Os pesquisadores colaboradores mantêm laços extensivos participando de trabalhos em temas específicos de suas especialidades e ampliam os circuitos de trocas acadêmicas, institucionais e sociais. Alguns mantêm laços afetivos intensivos com a CAP do LTM.

Na prática, a CAP se constrói no cotidiano do LTM através dos fóruns e encontros locais voltados a desenvolver certos produtos e processos de produção compartilhada em diferentes linguagens, o que pode mudar o contexto, a forma e os participantes em diferentes momentos, que estão expressos em nossa caixa de ferramentas “Maleta de Trabalho do LTM: Reconhecendo Manguinhos”, um dos produtos deste projeto.

Por exemplo, para a produção de um jogo RPG sobre tuberculose envolvendo a complexa discussão dos determinantes sociais da doença, criamos um grupo, uma CAP específica, para discutir o problema a partir da experiência de profissionais e moradores de Manguinhos. Reunimos pesquisadores de educação popular em saúde, médicos especialistas no tema, profissionais de equipes de saúde da família de Manguinhos, agentes comunitários (importantes na mediação e tradução por também serem moradores), duas moradoras que já haviam tido tuberculose e passado pelo tratamento, jovens moradores do LTM envolvidos no jogo, além de pesquisadores do LTM e profissionais especialistas no desenvolvimento de jogos. Foram feitas seis reuniões de trabalho que giraram em torno de oito perguntas chaves, construídas no processo pelo próprio grupo: (1) O que é Tuberculose, quais seus principais sintomas e efeitos para a saúde? (2) Como é seu tratamento? (3) Como alguém “pega” tuberculose, e por que algumas desenvolvem a doença e outras não? (4) Como o problema se apresenta em Manguinhos? (5) O que torna as populações de Manguinhos e este território mais vulneráveis? (6) Quais os grupos que são (ou parecem ser) os mais vulneráveis? (7) Como pessoas que tiveram a doença em Manguinhos relatam suas vivências? (8) Que agendas possíveis de atuação podem ser pensadas para enfrentar o problema em Manguinhos em termos de cuidado, tratamento, prevenção e promoção? O registro e debates ao longo dos vários encontros produziram, como resultado, o que avaliamos uma produção compartilhada do problema a partir de uma CAP, e foi usada como matéria prima inspiradora para a confecção posterior de um jogo sobre o assunto para uso entre jovens em espaços como escolas.

b) A Produção de Conhecimento e Informação

De uma maneira geral seguimos os seguintes passos:

- Definição de temas prioritários e linguagem de sistematização dos conhecimentos edição de conteúdos, em encontros ampliados da CAP-LTM;
- Definição da CAP específica que coordena e opera o plano de trabalho;
- Realização do trabalho de campo, organização de dados e sistematização do material da pesquisa pela CAP específica
- Discussão coletiva em encontros ampliados com a CAP- LTM para definição dos conteúdos e do formato final
- Avaliação interna dos materiais pela CAP- LTM
- Edição final dos materiais educativos: diagramação, lay out, reprodução, etc.

c) Avaliação e Reformatação dos Materiais

Esta fase foi iniciada em março deste ano e tem como objetivo desenvolver estratégias de avaliação dos materiais da Maleta com relação ao seu potencial de circulação-apropriação de

conhecimentos e informações, para a gestão integrada do território e ampliação da cidadania, a partir da interação com: i) profissionais e técnicos dos equipamentos sociais de Manguinhos através de oficinas, priorizando a Biblioteca Parque, escolas e serviços de saúde, e ii) instâncias de mobilização e representação, a exemplo do Conselho Gestor Intersetorial do TEIAS Escola Manguinhos, Conselho Comunitário de Manguinhos e do Fórum Social de Manguinhos (FMDES).

Como resultados terão: a produção de instrumentos para sistematização dos processos e avaliação do projeto e o registro audiovisual das oficinas como instrumento para avaliação e re-elaboração dos materiais e processos de trabalho.

O que fazemos é um caminho ainda em construção em nossa proposta de uma promoção da saúde emancipatória. Voltando a questão do como agir para transformar: o próprio momento do fazer, por exemplo, contar a história de vida, do bairro, significa também um modo de transformar - colocar em questão sua própria bagagem. O desafio é o do como fazer, a partir de uma abertura cognitiva e afetiva, que atrelada à capacidade crítica e reflexiva são as bases para nossa capacidade de se transformar e produzir outro tipo de conhecimento [Cadernos LTM, 2008].

VI - RESULTADOS DA PESQUISA

A - Caixa de Ferramentas do LTM “Maleta de Trabalho: Reconhecendo Manguinhos”

O principal resultado/produto está expresso na caixa de ferramentas do LTM “Maleta de Trabalho: Reconhecendo Manguinhos”. O financiamento do PDTSP TEIAS, na forma de cinco bolsas durante três meses no ano de 2011, nos possibilitou a organização e edição final dos materiais: documentário “PAC Manguinhos: Promessa, Desconfiança, Esperança”, slide-show “Mangue, Manguinhos”, calendário com o ciclo das enchentes; livro-jogo sobre tuberculose, organização do acervo fotográfico do LTM e a produção e diagramação do folder LTM e das capas de três dvds.

A Maleta (Figura 2) foi concebida como um dispositivo de comunicação, para a realização das atividades do LTM. É composta por materiais educativos em diferentes linguagens - textual, audiovisual, digital e artística, e as metodologias e teorias que os informam como contribuição a uma visão sistêmica do território-bairro, que apresentamos a seguir:



Figura 2 – A Maleta sendo apresentada no Encontro com o Grupo de Estudos do Projeto Tecendo Redes/SEDUCS - Museu da Vida, em maio 2012.

Histórias de Manguinhos: estão sistematizadas no documentário “Manguinhos: Histórias de Pessoas e Lugares”, no cordel “Manguinhos em Prosa e Verso” e no livro “Histórias de Pessoas e Lugares: memórias das comunidades de Manguinhos”, de autoria de Tania Fernandes e Renato Gama-Rosa Costa.

Análises do PAC Manguinhos: dois documentários – “PAC Manguinhos: o futuro a Deus pertence?” e “PAC Manguinhos: promessa, desconfiança, esperança”, e um livro “PAC Manguinhos: um relato fotográfico”, retratam as expectativas e visões de moradores, gestores públicos, lideranças e profissionais de saúde sobre as mudanças promovidas pelo PAC no território e em suas próprias vidas.

Livro-Jogo “Território, Saúde e Ambiente: a tosse misteriosa”: contextualiza o problema da tuberculose em Manguinhos em formato de jogo RPG. O objetivo é usar o jogo como instrumento para que os grupos expressem seus interesses e visões sobre o lugar em que vivem, questionem a realidade, ampliando a confiança e interação entre os participantes, reforçando a autoestima e o sentimento de pertencimento no território e fortalecendo a capacidade de agir dos grupos e atores locais.

Mangue, Manguinhos, Manguezal - um slideshow: compara, através de imagens fotográficas, o ecossistema de Manguinhos – um bairro construído sobre um manguezal aterrado, completamente degradado, com a APA de Guapimirim – RJ, uma área de manguezal preservada.

Enchentes em Manguinhos – uma matriz holística: na forma de calendário anual apresentamos o ciclo explicativo da produção de enchentes e suas conseqüências sobre a vida e a saúde das pessoas, assim como, as estratégias nos diferentes níveis de ação, que vão do familiar ao mais global, produzindo materiais que subsidiem a reflexão e a ação, num processo formativo de todos.

Livreto “Reconhecendo Manguinhos: Maleta de Trabalho”: contém sugestões metodológicas para a utilização dos materiais. O objetivo deste livreto é dar autonomia à maleta, com relação ao LTM (ANEXO).

Também fazem parte da Maleta o folder do LTM e o marcador de livro produzido para divulgação do nosso sítio (www.conhecendomanguinhos.fiocruz.br), onde parte dos materiais já está acessível. O sítio é um acervo virtual organizador do conhecimento e informação e uma ferramenta para a interação e aprendizagem, em quatro principais temas – Histórias de Pessoas e Lugares, Manguinhos no Tempo, Saúde, Ambiente & Desenvolvimento e Território & Cidadania.

Entendemos que *“materiais educativos são a ponta de um iceberg, do imenso iceberg dos processos de comunicação que caracterizam a implantação das políticas públicas. Exatamente por isto são um excelente modo de acesso à prática comunicativa das instituições. Nossos materiais refletem a natureza e a qualidade da nossa prática comunicativa”* (ARAÚJO, 2006:69).

No quadro que segue apresentamos uma síntese das principais atividades e produtos intermediários, resultantes do desenvolvimento dos trabalhos.

Objetivos	Temas/conceitos chaves	Atividades	Produto preliminar
Estabelecimento de uma rede com as escolas locais, bibliotecas, centros de cultura e educação, ou seja, com unidades produtoras da saúde, para produção e validação de materiais político-pedagógicos sobre temas de saúde e ambiente, tendo como um dos recursos a caixa de ferramentas do LTM “Maleta de Trabalho: Reconhecendo Manguinhos”;	<p>Construção Compartilhada de Conhecimento</p> <p>Comunidade Ampliada de Pesquisa-ação</p> <p>Produção de Autonomia</p> <p>Ciclo da Comunicação: produção – circulação – apropriação</p> <p>Tradução</p>	<p>Revisão teórica e metodológica a respeito da avaliação de materiais educativos, promoção da saúde e avaliação e da comunicação em saúde</p> <p>Reuniões semanais com parceiros.</p> <p>Participação em GTs e Fóruns.</p> <p>Oficinas de discussão e avaliação preliminar de materiais produzidos pelo LTM</p>	<p>Elaboração de um projeto de análise e validação da Maleta de Trabalho: Reconhecendo Manguinhos</p> <p>Roteiros e quadro analítico teórico para o trabalho de avaliação da Maleta</p>
Formação de moradores e profissionais de saúde tendo a história e memória do território como método de produção de conhecimento sobre o lugar, incluindo os recursos e metodologias de produção de vídeos, relatórios fotográficos, jogos interativos, livros e folders.	<p>Território</p> <p>Zonas de Sacrifício</p> <p>Vulnerabilidade Sócio-Ambiental</p> <p>História e Memória</p> <p>Políticas Públicas</p> <p>Determinantes Sociais da Saúde</p> <p>Promoção da Saúde</p> <p>PAC Manguinhos</p>	<p>Revisão teórica e metodológica a respeito da história e memória,</p> <p>Grupo de discussão sobre a produção e reprodução da tuberculose</p> <p>Oficinas no EJA Manguinhos / Polo EPSJV</p> <p>Exibição de documentários em encontros com moradores</p> <p>Oficinas no Programa “Jovens Aprendizes de Produção Cultural em Divulgação Científica” – Museu da Via</p> <p>Aulas no curso de especialização em Promoção da Saúde e Desenvolvimento Social da ENSP</p> <p>Aula no módulo “Política e Gestão do</p>	<p>Grupo de discussão sobre moradia</p> <p>Encaminhamento dos resultados preliminares para encontros (ENEPS, ANPOCS, ABRASCÃO)</p> <p>Elaboração de o projeto Morar em Manguinhos – selecionado no PAPES VI</p> <p>Produção de textos para aulas e oficinas</p> <p>Projeto para mostra de filmes para edital da Secretaria de Cultura/RJ</p>

		Risco de Desastre nas Comunidades”, do curso CEPED/Defesa Civil RJ	
Elaborar, junto com os parceiros e experiências acumuladas, uma ferramenta de publicização e comunicação para a gestão do conhecimento no território de Manguinhos, tendo como experiência o sítio do LTM		Encontro com parceiros (GT Participação Social, escolas, Projeto Tecendo Redes, ...) Participação na Oficina Eixo 4: Informação e Comunicação em Saúde, no seminário TEIAS-ESCOLA Manguinhos, novembro 2010.	Co-laborador na proposta do Plano de Comunicação e Informação para Manguinhos Texto sobre histórias de Manguinhos para o portal do TEIAS-ESCOLA

B - Oficina “TEIAS Manguinhos: a abordagem ecossistêmica como estratégia transversal”: realizada nos dias 01 e 02 de março de 2011. Foi organizada pelo LTM em conjunto com Comitê Gestor TEIAS. A coordenação da Oficina foi dos professores Paulo Sabrosa (DENSP) e Marcelo Firpo (CESTEH/LTM).

C - Atividades Correlacionadas

Destacamos aqui atividades em que participamos, tendo papel relevante, e que foram realizadas em torno do TEIAS-Escola Manguinhos, e que articulam objetivos e parcerias previstas no PDTSP TEIAS.

- 1º Seminário de Pesquisa & Ensino do TEIAS-Escola Manguinhos “Pesquisa e Formação na Ação: Todos Somos Aprendizes!”, realizado nos dias 17, 18 e 19 de novembro de 2010. Foi organizado pelo GT Pesquisa & Ensino do TEIAS-Escola, coordenado por um membro do LTM. Resultados do Seminário:

- Relatório com recomendações dos grupos de trabalho;
- Publicação com os artigos dos palestrantes dos três eixos e relato das oficinas, que está em fase de impressão.

- Articulação/formação do GT de Avaliação em Promoção da Saúde
Este GT foi articulado por um grupo de participantes do Coletivo de PS, atualmente Câmara Técnica de Promoção da Saúde, da VPAAPS.
Entretanto, a demanda vem de profissionais do TEIAS-Escola, com interesses em desenvolver esta linha de trabalho em suas próprias frentes de trabalho, e que não se consolidou no interior do PDTSP T do TEIAS. Embora tenha sido inicialmente projetado como uma dimensão da pesquisa.

Resultados até o momento:

- Realização da oficina “Avaliação da Efetividade em Promoção da Saúde”, coordenada pela professora Lígia de Salazar, da FUNDELASALUD/Colômbia, nos dias 29 e 30 de maio de 2012;
- Apresentação de projeto coletivo para o edital da Agenda Estratégica da Saúde/MS no eixo VI - Promoção da Saúde.

D - O LTM no GT Participação Social

- Atividades de formulação e reflexão: participação em reuniões e encontros, organização de seminários e oficinas, etc.
- Atividades de formação: aula no Curso para Conselheiros da EPSJV sobre o tema “intersetorialidade e participação social”.
- Feira de Manguinhos “Da Saúde à Cultura, do Trabalho à Ciência & Tecnologia” (2/10/2012): organização da mostra de vídeos “Saúde e Sustentabilidade em Manguinhos”.
- Participação na elaboração do Glossário.

E – Circulação e Compartilhamento da “Maleta de Trabalho - Reconhecendo Manguinhos”

O financiamento do PDTSP TEIAS, também nos propiciou a estruturação do projeto “Promoção da Saúde e Justiça Ambiental: Estratégias para Produção, Circulação e Apropriação de Conhecimento sobre o Território de Manguinhos”. Projeto este com duração de um ano, financiado pela ENSP/FIOTEC e iniciado em março de 2012, com o objetivo de promover a ampliação dos circuitos de troca com os atores do território a partir de Oficinas de compartilhamento dos materiais da Maleta, no sentido de estabelecer um processo de circulação – apropriação da Maleta e seus materiais.

Os resultados alcançados até o momento no processo de circulação-compartilhamento da Maleta são:

1. Realização de três oficinas com atores de Manguinhos
 - Professores e professoras do ensino fundamental da 3ª e 4ª CRE - Grupo de Estudos do Programa Tecendo Redes – Museu da Vida/COC – FIOCRUZ.
 - Jovens do Programa “Jovens Aprendizes de Produção Cultural em Divulgação Científica”, Museu da Vida/COC – FIOCRUZ. Moradores do entorno da FIOCRUZ – Manguinhos, Maré, Bonsucesso e Jacarezinho. Todos estão matriculados no ensino médio, com idade entre 14 e 18 anos.
 - Conselheiros de Manguinhos: são três conselhos principais: Conselho Gestor Intersetorial - CGI – TEIAS, Conselho Comunitário de Manguinhos – CCM e o Conselho Gestor CSEGSF
2. Realização de duas oficinas metodológicas
 - Com a pesquisadora Regina Marteleto: Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde – LACES, professora de pós-graduação – ICICT. Áreas de atuação: cultura e informação; conhecimento, informação e sociedade; informação e comunicação em saúde.
 - Com a pesquisadora Inesita Soares Araújo: Laboratório de Pesquisa em Comunicação e Saúde – LACES, coordenadora do PPGICS - ICICT. Co-laboradora do LTM. Áreas de experiência: comunicação e políticas públicas com ênfase no campo da Saúde Coletiva.
3. Circulação - Compartilhamento da Maleta com Instituições, Entidades e Programas

Já compartilhamos a Maleta do LTM com, cerca de, cem Instituições, Entidades e Programas em que destacamos: as Escolas da região, principalmente através da cooperação com o Projeto

Tecendo Redes – Museu da Vida/COC; Conselhos existentes em Manguinhos (CGI, CCM, Conselho Gestor do CSEGSF); Biblioteca Parque de Manguinhos; Comissão de Moradores da Vila Turismo; ONG Raízes em Movimento do Morro do Alemão; TV Tagarela da Rocinha; Observatório de Favelas da Maré; PEJA – Pólo EPSJV; Casa Viva – Rede CCAP/Manguinhos; IBASE; Saúde & Cultura – Dpto Diversidade, Min. da Cultura; Secretaria Estadual de Assistência Social e Direitos Humanos – SEASDH/RJ; UPP Social de Manguinhos; UNISUAM - Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão; Laboratório de Investigações Urbanas – LBINUR/ UNICAMP e; na FIOCRUZ: Coordenação do PDTSP TEIAS; Campus FIOCRUZ Mata Atlântica; Programa Tecendo Redes; Programa Jovens Aprendizes de Produção Cultural em Divulgação Científica – Museu da Vida / COC; Projeto CAIS; Cooperação Social da Presidência; Coordenação de Cursos da ENSP; Centro de Pesquisas Helio Fraga/ENSP - oficina do cuidado; FarManguinhos: Oficinas do Cuidado – Jacarepaguá; Projeto Território em Transe; Curso de Qualificação em Participação Social e Gestão em Saúde/EPSJV-PDTSP TEIAS; entre outros.

4. Disseminação dos resultados em congressos e eventos

- 10º Congresso Brasileiro de Saúde Coletiva, novembro de 2012 - Porto Alegre/RS.
- V Encontro Nacional de Educação Popular e Saúde (ENEPS), 31/07 a 03/08/2012 – UERJ.
- Oficina “Avaliação da Efetividade em Promoção da Saúde”, coordenada pela professora Lígia de Salazar, da FUNDELASALUD/Colômbia, nos dias 29 e 30 de maio de 2012, VPAAPS/ FIOCRUZ.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, I. Mercado Simbólico: interlocução, luta, poder – Um modelo de comunicação para políticas públicas. 2002. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- ARAÚJO, I. Materiais Educativos e Produção de Sentidos Sociais na Intervenção Social. In: Monteiro, S & Vargas, E. [org.] Educação, Comunicação e Tecnologia: interfaces com o campo da saúde. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006:49-69.
- ARAÚJO, I.S. & CARDOSO, J.M. 2007. Comunicação e Saúde. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ. 152 p.
- BOURDIEU, P. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- BRANDÃO, A. P.; ARAÚJO, I.; CARDOSO, J. M. 2002. REDES DISCURSIVAS EM MOVIMENTO: AVALIAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO NA SAÚDE. Texto apresentado ao GT Políticas e Estratégias de Comunicação, no XI Encontro da COMPÓS – Rio de Janeiro, 5 a 8 de junho de 2002.
- BRITO, J.; ATHAYDE, M. Trabalho, educação e saúde: o ponto de vista enigmático da atividade. Trabalho, Educação e Saúde, v.1, n.2, p. 63-89, 2003.
- CADERNOS LTM, 2009. Seminário de Avaliação 2008. Junho. Nº 1. Impresso.
- CASTELLANOS, P.L. 1997. Epidemiologia, saúde pública, situação de saúde e condições de vida: considerações conceituais, pp. 31-76. In RB Barata (org.). Condições de Vida e Situação de Saúde. Saúde Movimento, 4. Rio de Janeiro: Abrasco, 1997.

- CHAUÍ, M. CULTURA E DEMOCRACIA. O discurso competente e outras falas. 11ª Ed. São Paulo:Cortez Editora, 2006.
- FREIRE, P. 2001. Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra 30ª ed. São Paulo. Pp 184.
- FUNTOWICZ, S. & RAVETZ, J.R. Three Types of Risk Assessment and the Emergence of Post- Normal Science. In: Theories of Risk. London Praeger 1992: 251-274.
- FUNTOWICZ, S. & RAVETZ, J.R. Emergent Complex Systems. Futures, 26(6): 568-582, 1994
- FUNTOWICZ, S. & RAVETZ, J.R. 1997. The Poetry of Thermodynamica.Energy, entropy/exergy and quality.Futures, 29 (9): 791- 810.
- IRWIN, Alan. Ciência Cidadã – (Um estudo das pessoas; especialização e desenvolvimento sustentável). Lisboa: Piaget, 1998.
- LATOUR, B. & WOOLGAR, S. (1997) *A vida de laboratório. A produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: RelumeDumará.
- LEUNG,YEN e MINKLER, 2003. Community-based participatory research: a promising approach for increasing epidemiology’s relevance in the 21st century. International Journal of Epidemiology 2004;33:499–506
- LUHMANN, N. 1996. Confianza. Barcelona: Anthropos; México: Universidad Iberoamericana; Santiago de Chile: Instituto de Sociologia. Pontifícia Universidad Católica.
- MARTELETO, R. & VALLA, F. Informação e educação popular – o conhecimento social no campo da saúde. Perspect. Ciênc. Inf., Belo Horizonte, n. Especial, 8-21, jul/dez, 2003.
- MARTINEZ-ALIER et al. Between science and activism: Learning and teaching ecological economics with environmental justice organizations. Universidad Autonoma de Barcelona. Paper, 20p., 2010.
- MINKLER M & WALLERSTEIN N (ed) 2003. Community – Based Participatory Research for Health. San Francisco: Jossey – Bass.
- MORI, M.E.; SILVA, F.H.; BECK, Fernanda Luz. Comunidade Ampliada de Pesquisa (CAP) como dispositivo de cogestão: uma aposta no plano coletivo. *Interface (Botucatu)* [online]. 2009, vol.13, suppl.1 [cited 2012-03-08], pp. 719-727 .
- PORTO, M.F.S. Uma ecologia política dos riscos. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 2007.
- PORTO, M.F.S & PIVETTA, F. Por uma Promoção da Saúde Emancipatória em Territórios Urbanos Vulneráveis In: CZERESNIA, D & FREITAS, C.M. Org. Promoção da Saúde, conceitos, reflexões, tendências. Ed. FIOCRUZ. 2ªed. 2009
- PORTO, M. F.S.; ZANCAN, L.; PIVETTA, F.Cidades Saudáveis e Promoção da Saúde Emancipatória: a reinvenção cotidiana do (re)conhecimento nos territórios vulneráveis. Livro do Projeto PDTSP TEIAS Cidades Saudáveis. No prelo.
- PORTO, M. F.S.; PIVETTA, F.; GUIMARÃES G.; ZANCAN, L.; NASCIMENTO, N.; SOUSA, F.M.; CARDOSO, C.; CUNHA, M.Produção de Conhecimento e Cidadania: a experiência da comunidade ampliada de pesquisa-ação do laboratório Territorial de Manguinhos, RJ. Livro Publicação UNICAMP. No prelo
- SANTOS, B. S., 2001. A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência. Cortez Editora. 3ª ed. Vol. 1. São Paulo.
- SANTOS, B.S., 2002. [Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências](#). Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, 237-280.
- SANTOS, B.S. A Gramática do Tempo: por uma nova cultura política. São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa ação. São Paulo. Editora Cortez, 3ª ed. 1986.108 pp.

WALTNER-TOEWS, D. 2001. An ecosystem approach to health and its applications to tropical and emerging diseases. Cadernos de Saúde Pública, 17(suplemento).

ANEXO – MALETA DE CAMPO “RECONHECENDO MANGUINHOS”

RECONHECENDO MANGUINHOS

The collage features several items:

- ENCHENTES EM MANGUINHOS: ESTE PROBLEMA TEM SOLUÇÃO?** - A brochure with photos of flooded areas and a calendar for 2012.
- MANGUINHOS: HISTÓRIAS DE PESSOAS E LUGARES** - A brochure with photos of people and mangrove landscapes.
- Mangue Manguinhos Manguezal** - A book cover with a blue background and a white bird.
- PAC Manguinhos: O futuro a Deus pertence?** - A brochure with a red and white design.
- PAC Manguinhos: Promessa, Desconfiança, Esperança** - A brochure with a white background and silhouettes of people.

Maleta de Trabalho

QUEM SOMOS

O Laboratório Territorial de Manguinhos (LTM) é um projeto de pesquisa-ação da FIOCRUZ, que reúne pesquisadores e moradores do bairro. Desde 2003, produz e divulga conhecimento sobre saúde, ambiente e políticas públicas deste território. Nasceu do interesse de juntar ciência e cidadania para transformar as realidades urbanas complexas, repletas de injustiças sociais e ambientais. Propõe-se a construir uma promoção da saúde que invista na formação de sujeitos coletivos e redes sociais, resgate a memória coletiva das comunidades, sistematize conhecimentos sobre o lugar e acompanhe, de forma crítica e propositiva, políticas públicas relevantes para a população de Manguinhos, construindo assim um modelo solidário de conhecer e interagir nos territórios em que vivemos. Os conteúdos do nosso trabalho são sistematizados em linguagens audiovisuais e artísticas, além de artigos, relatórios e livros.

Anastácia dos Santos

Antonio Carlos Oscar Júnior

Consuelo Nascimento

Fabiana Melo Sousa

Fátima Pivetta

Gleide Guimarães Alentejo

Jairo Freitas

Ludmila Oliveira

Lenira Zancan

Marcelo Firpo Porto

Mariza Almeida

Marize Cunha

Sílvia Reis

Tiago Soares

Viviane Nonato

Colaboração na redação e revisão de textos:

Claudia Trindade e Sergio Lamarão

Layout e diagramação dos materiais da Maleta:

Viviane Nonato, Ivam Cruz e Tatiana Lassance Proença

O QUE CONTÉM A MALETA

Histórias de Manguinhos

Documentário "Manguinhos: Histórias de Pessoas e Lugares"

Livro "História de pessoas e Lugares. Memórias das Comunidades de Manguinhos"

Cordel "Manguinhos em Prosa e Verso"

Análises do PAC Manguinhos

Documentário "PAC Manguinhos: O Futuro a Deus Pertence"

Documentário "PAC Manguinhos: Promessa, Desconfiança, Esperança"

Livro "PAC Manguinhos Um Relato Fotográfico"

Jogos Interativos

Livro-Jogo "Território, Saúde e Ambiente: A Tosse Misteriosa"

Mangue, Manguinhos, Manguezal em Slide Show

Enchentes em Manguinhos em Calendário

Os materiais também estão acessíveis no sítio do LTM
www.conhecendomanguinhos.fiocruz.br

O SENTIDO DOS MATERIAIS

Enchentes, política pública – o PAC, moradia, o mangue, histórias de vida e memórias de moradores, entre outros, são dimensões que escolhemos para compreender o território de Manguinhos e suas transformações, vulnerabilidades, injustiças e potencialidades.

Mais que ensinar buscamos situar Manguinhos na sua história e na história da cidade. A dramaticidade da violência como determinante social da saúde no território se manifesta no silêncio do próprio tema e atravessa todos os temas.

Cada material é um caminho – um método de produção compartilhada de conhecimento, que trilhamos para nos situarmos e compreendermos a realidade e agir. Podem ser usados separadamente ou integrados a partir de um tema-problema.

Assim, por exemplo, as “enchentes” são estudadas a partir da história e memória dos moradores nos documentários, nas fotografias, em seu ciclo de produção no calendário. Uma análise do PAC esta presente em linguagem audiovisual e fotográfica, trazendo em diálogo a visão de vários atores, com ênfase nas vozes da população. A linha do tempo no sítio e no relato fotográfico aborda diferentes temas sobre uma mesma perspectiva. Assim o uso de diferentes linguagens – escrita, audiovisual, lúdica-jogos –, em vários formatos tem a finalidade de ampliar os circuitos de troca de conhecimentos e práticas com as pessoas.

Pretendemos assim elaborar uma visão ecossistêmica do território na perspectiva da promoção da saúde e da justiça ambiental. Isto é, compreender o território em seus processos sociais de produção da saúde e da doença.

Faça você mesmo

suas próprias dinâmicas em sala de aula,
em casa, com amigos, vizinhos, parentes

Fotografe
as mudanças
da sua rua

Monte
sua linha do tempo

Escreva
a sua história ou
da sua comunidade

Jogue
em grupos na Escola
e entre amigos

Converse
com seus filhos, vizinhos,
etc. sobre o PAC

COMO PROMOVER UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Todos os materiais da Maleta de Trabalho foram feitos para provocar uma reflexão em grupo sobre a saúde das pessoas e do território/contexto onde vivem. Servem assim para a **problematização** da realidade e construção de ações para o enfrentamento dos problemas de saúde e ambiente. Essa problematização, como entende Paulo Freire, é uma abordagem que quer superar a *educação bancária* orientada pela transmissão de conteúdos específicos e despertar uma *educação crítica e libertadora* fundada nas experiências de vida das pessoas. Não espere, portanto, encontrar aqui receitas de como agir frente a estes problemas. O uso dos materiais visa mais a produção de novos conhecimentos e a abertura para novas idéias e menos a apreensão de informações ou verdades preconcebidas. Isso significa que ao usar os materiais cada um, individualmente e coletivamente, deverá estar envolvido na ação pedagógica como sujeito ativo na produção de conhecimentos e de práticas.

Essa aprendizagem significativa requer um método de discussão e de sistematização. Sugerimos que o grupo siga os seguintes passos:

Passo zero

Criar ambiente propício ao diálogo e ao aprendizado.

1º passo – Pontos significativos

Leia/assista/jogue anotando individualmente os pontos mais significativos.

2º passo – Tradução

Interrompa a leitura/assistência/jogo sempre que houver dúvidas sobre termos/palavras desconhecidas. Busque a resposta às dúvidas no próprio grupo ou anote para serem respondidas depois;

3º passo – Conhecimento prévio

Resgate das memórias dos participantes. O que cada um já sabe ou já viveu em relação aos temas/problemas abordados no material em uso;

4º passo – Questões de aprendizagem

Formulação de uma (ou mais) pergunta/questão que deverá ser investigada por todos para agregar novos conhecimentos ao tema/problema em foco.

5º passo – Produção de novas sínteses

Investigação individual ou em grupo em outros materiais, através de observação participante, livros, etc., para agregar ao material em uso conhecimentos e práticas.

6º passo – Aprendizagem significativa/ação coletiva

Sistematização no grupo e produção coletiva de novas questões de aprendizagem/ação sobre o problema a partir da interação entre os participantes e destes com os materiais.

Resumidamente, podemos dizer que do processo de discussão e de investigação dos materiais serão gerados temas e questões de aprendizagem que orientarão a busca ativa por conteúdos (informações, conceitos, estratégias etc.) capazes de fomentar o diálogo e enriquecer a discussão sobre saúde e ambiente. É da reflexão acerca da realidade que surgirão os conteúdos que devem ser abordados no processo de aprendizagem coletiva.

PISTAS PARA USOS DOS MATERIAIS

Os materiais foram produzidos em linguagens que facilitam o acesso a todos e destinam-se em particular para o uso de quem realiza atividades de formação, mobilização, formulação de projetos, análise de problemas, construção de outros materiais pedagógicos ou lúdicos. Isso significa que todos os moradores e trabalhadores de Manguinhos podem usar a maleta, em especial, professores das escolas e de ONG, profissionais da saúde, da cultura, participantes de grupos de idosos, nas praças, nas Igrejas...

Por exemplo:

Conversando com moradores, as Agentes Comunitárias de Saúde podem usar o calendário para agendar visitas e também para falar das enchentes, destacando os períodos prováveis de chuvas, as ações de prevenção, os telefones úteis primeiros socorros, etc.

Dando aulas: professoras e professores podem usar o ciclo das enchentes para produzir o ciclo do lixo, da dengue, de outros temas.

Atividades com os jogos e com o sítio em centros de estudos das Escolas, em oficinas na Biblioteca Parque, etc.

Rodas de conversa com moradores

Cursos de pós-graduação: reflexão sobre ciência dura e produção compartilhada de conhecimento, ecologia dos saberes e as diferentes linguagens em diálogo

Documentário

Histórias de Pessoas e Lugares



A história e memória dos moradores:
onde mais alaga?

PAC Manguinhos

Um Relato Fotográfico



As obras do PAC resolveram
o problema das enchentes?

Calendário

Ciclo das Enchentes em Manguinhos

O que produz as
enchentes em
Manguinhos?

POLUIÇÃO, ASSOAREAMENTO E
FALTA DE DRAGAGEM
dos rios e canais.

O que mais causa enchentes
em Manguinhos?

Sítio

www.conhecendomanguinhos.fiocruz.br



Por que acontecem as enchentes ?

Enchentes é um tema- problema.

Busque e trabalhe outros temas

Dicas: políticas públicas,
o direito à moradia,
o ecossistema mangue,
histórias de vida,
memórias de moradores, etc...

ARAÚJO, INESITA. Materiais Educativos e Produção de Sentidos Sociais na Intervenção Social. In: Monteiro, S & Vargas, E. [org.] Educação, Comunicação e Tecnologia: interfaces com o campo da saúde. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006:50

BARROS, MANOEL DE. Livro Sobre Nada. 14ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009:75.

Realização



Apoio



Ministério da
Saúde



Laboratório Territorial de Manguinhos

Rua Leopoldo Bulhões, 1480 – sala 36

CESTEH/ENSP/FIOCRUZ

20041-210 – Manguinhos

Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 2598-2809

www.conhecendomanguinhos.fiocruz.br